

## O PROJETO DE CRIAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL: O PROJETO ALENCARIANO

### EL PROYECTO DE CREACIÓN DE LA IDENTIDAD NACIONAL: EL PROYECTO ALENCARIANO

Rondinele Aparecido Ribeiro\*

**Resumo:** O Brasil conquistou sua independência política em 1822, mas ainda não tinha definido sua identidade. Dessa forma, a Literatura terá papel decisivo na definição de nossa identidade. Assim, o índio é eleito como verdadeiro símbolo de nacionalidade, visão extremamente influenciada pela atitude romântica de valorizar o passado histórico e que vê no cavaleiro medieval o símbolo máximo de heroísmo. Nesse projeto literário brasileiro, destaca-se a produção do romancista José de Alencar, conhecido como o escritor mais profícuo do Romantismo. Sua vasta obra compreende romances, peças de teatro e ensaios críticos. O conjunto de obras do autor revela produções diversificadas em temas e gêneros, que serviram para compor uma identidade nacional ainda que idealizante e fruto da imaginação. Dessa forma, o presente artigo tem por finalidade tecer considerações acerca do projeto literário do romancista José de Alencar, já que o escritor é aclamado pela crítica pelo fato de compor um painel acerca da formação do brasileiro.

**Palavras-chave:** Identidade. Representação. Romantismo. Indianismo.

**Resumen:** El Brasil gana su independencia política en 1822, pero aún no había definido su identidad. Por lo tanto, la literatura tendrá un papel decisivo en la definición de nuestra identidad. Por lo tanto, el indio es elegido como verdadero símbolo de la nacionalidad, la visión influida en gran medida por la actitud romántica de valorar el pasado histórico y el caballero medieval que ve el último símbolo de heroísmo. En este proyecto literario brasileño, está la producción del novelista José de Alencar, conocido como el más prolífico escritor del Romanticismo. Su vasta obra incluye novelas, obras de teatro y ensayos críticos. El conjunto de obras del autor revela diversas producciones sobre temas y géneros, que sirvieron de redacción para componer una identidad nacional e incluso idealizar la creación. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo hacer consideraciones sobre el proyecto literario del novelista José de Alencar, ya que el escritor es aclamado críticamente por el hecho de componer un panel sobre la formación de los brasileños.

**Palabras-clave:** Identidad. Representación. Romanticismo. Indigenismo.

---

\* Licenciado em Letras-Literatura pela UENP – Campus de Jacarezinho. Docente da UNIESP-FANORPI. Tem especialização em Cultura, Literatura Brasileira e Língua Portuguesa. Membro do Grupo de pesquisa Cultura Popular e Tradição Oral: Vertentes (UNESP-ASSIS). E-mail: [rondinele-ribeiro@bol.com.br](mailto:rondinele-ribeiro@bol.com.br)

## Introdução

O Brasil conquistou sua independência política em 1822, mas é válido lembrar que nesse período o país ainda não tem definida sua identidade. Dessa forma, o Romantismo será a estética que terá o fator decisivo para balizar as questões ligadas à identidade.

Na Europa, o Romantismo foi a tendência que dominou a produção artística de boa parte do século XIX. No Brasil, essa mesma estética teve o papel de orientar a produção das obras nacionais regradas a uma visão paradisíaca que os autores dão à nossa terra local. Todo esse processo é resultado de uma tentativa de superar os valores lusitanos presentes no país. Valdemar Valente Junior (2008) comenta que desse processo de independência culmina o sentimento de “lusofobia”, ou seja, aversão aos valores estrangeiros.

No plano literário, o romance emerge como gênero profícuo ao representar muito mais o indivíduo do que o povo a que pertence. Tal fato deve-se ao triunfo do sujeito que representa a luta do ser humano comum para transformar sua identidade representada por meio de uma sociedade que oprime o indivíduo em detrimento dos valores coletivos.

Dessa forma, pode-se afirmar que as elites se afastam do ideário cultural português, aproximando-se mais das tendências desencadeadas pela Revolução Industrial e pela Revolução Francesa. Assim para Abdalla e Campedelli (2004, p.73), “a instauração do Romantismo no Brasil coincidiu com o processo de afirmação de nossa independência”, o que nos permite afirmar que as aspirações artísticas, no sentido de libertar dos desígnios portugueses, desenvolve uma efetiva consciência nacional.

No Brasil, o índio é eleito como verdadeiro símbolo de nacionalidade, visão extremamente influenciada pela atitude romântica de valorizar o passado histórico e que tem no cavaleiro medieval o símbolo máximo de heroísmo. Como no Brasil não se teve Idade Média, o índio é alçado ao posto de cavaleiro, por isso sua representação com traços de bravura, heroísmo, pureza e força. Nesse sentido, Alencar representará com traços sublimes os heróis indígenas. Seus personagens são retratados com traços heroicos cujas ações levam ao leitor ao assombro, espanto e admiração. Assim, o presente artigo procura tecer considerações acerca do projeto do romancista José de Alencar.

## O Romantismo e a Identidade Nacional

É unívoco o ponto de vista de que o Romantismo significou, em termos gerais, a busca incessante pela criação de uma identidade nacional. Por essa razão, é oportuno tecer considerações acerca do conceito de identidade e como esse processo foi desenvolvido pelo Romantismo brasileiro. Para balizarmos a questão, recorreremos a Bradley (1996, p.24). O autor em questão assevera que “a identidade deve ser entendida como a forma pela qual os indivíduos se percebem dentro da sociedade em que vivem e pela qual percebem os outros em relação a eles próprios”. De acordo com as considerações do autor:

A identidade social se refere ao modo como nós, enquanto indivíduos, nos posicionamos na sociedade em que vivemos e o modo como percebemos os outros nos posicionando. As identidades sociais provêm das várias relações sociais que as pessoas vivem e nas quais se engajam (BRADLEY, 1996, p.24).

Depreende-se, então, que as identidades não são elaboradas isoladamente, mas negociadas pelo indivíduo durante toda a vida. “Minha própria identidade depende vitalmente de minhas relações dialógicas com os outros” (TAYLOR, 1994, p.52). Utilizando considerações de Figueiredo e Noronha (2005), percebe-se que as identidades são constantemente deslocadas em função dos elementos nacionais, culturais, de gênero, de classe social, de posição política e religiosa. Enfim, são várias as identificações formadoras do mosaico do nosso eu.

Utilizando postulações de Charles Taylor (1994), percebe-se que a necessidade de reconhecimento é a grande fonte movedora das questões identitárias. Assim, as questões ligadas à identidade ganham contornos no país a partir do século XIX por meio do ideal romântico que surge do confronto de não poder/querer ser português, tal como preconizam Figueiredo e Noronha (2005).

Vale acrescentar que os conceitos de nacionalismo e de nação começaram a ser formulados na Europa a partir do século XVIII como designação de cada povo. Nessa época, a construção de uma identidade nacional era adquirida por um conjunto de mediações, o que, conforme Figueiredo e Noronha (2005), constitui-se como invenção da “alma nacional” encarada como um conjunto de valores simbólicos que permitiam mostrar a existência do Estado e acabavam determinando sua constituição: uma língua

comum, uma história, um folclore, um vasto conjunto de heróis que representem virtudes nacionais, uma bandeira, além de símbolos oficiais ou populares.

Para as autoras, os românticos valeram da particularidade da independência política para construir e afirmar nossa identidade. Para corroborar a tese exposta, basta observar que na esfera literária tal tentativa de construção de nossa identidade é conseguida a partir do livro de Ferdinand Denis, intitulado *Resumo da História da Literatura Brasileira*. A obra, datada de 1826, foi a primeira a se empregar o termo literatura brasileira como forma de distinção da literatura portuguesa. Dessa forma, a visão que permeia os textos críticos do século XIX revela um posicionamento de que os brasileiros são fruto de uma cultura híbrida. Assim, empregar a figura do índio no ideário romanesco nacional como forma de idealizá-lo aos moldes do que ocorria com o cavaleiro medieval europeu servem para ilustrar como essa exaltação em prol da formação da identidade nacional é atingida.

Vale ressaltar que essa busca pela identidade se dá em detrimento do reconhecimento do negro na formação brasileira. Nas palavras de Figueiredo e Noronha (2005, p. 195), “vai se buscar inspiração naquele que é autóctone e dono original da terra, enquanto o negro atende ser de fora como o português marcado pelo estigma da escravidão”. Do ponto de vista de Valdemar Valente Júnior (2008, 35), “o sentido de uma nacionalidade literária funda-se no amor à pátria”. Dessa forma, o Romantismo fará parte desse ideal, ganhando contornos nacionalistas e ufanistas.

Inserire-se nesse contexto, a produção de Gonçalves Magalhães. Sua obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, publicada em 1836 oficializa entre nós a introdução da estética romântica. Essa conquista inicial está ligada a um quadro mais amplo de rupturas com fatores de nossa dependência cultural.

De fato, o autor foi o primeiro na tarefa de repensar os rumos literários brasileiros. Sua obra é vista como esforço inicial e oficial na tentativa de dotar o país de representação cultural efetiva. É importante ressaltar ainda que a divulgação desse ideário foi possível graças ao surgimento de veículos de publicação, tais como a *Revista Niterói*, de 1836, onde foi publicado *Suspiros Poéticos e Saudades*, bem como as revistas *Minerva Brasiliense*, de 1843, e *Guanabara*, de 1849. Sobre esse aspecto, faz-se necessário citar o ponto de vista de Antonio Candido:

Foi, portanto, um grupo respeitável que conduziu o romantismo inicial para o conformismo, o decoro, a aceitação pública. Nada revolucionário de

temperamento ou de intenção e além do mais sem qualquer eventual antagonismo por parte dos mais velhos, poucos e decadentes, o seu trabalho foi oficializar a reforma (CANDIDO, 1993, p. 42).

A prosa romântica acaba encontrando no Brasil um terreno extremamente fértil e passa a atrair um número cada vez maior de leitores devido à inovação da imprensa, grande promotora da publicação de folhetins. Para Coutinho (1969), o romance trata-se de uma forma de narrativa moderna a qual tem seu surgimento em resposta a necessidades de expressão do escritor e a aspirações do leitor. Basta pensar que nas décadas iniciais do século XIX o acesso à ficção constava basicamente de inúmeras traduções que permeavam o gosto do leitor. Assim, por meio da leitura de folhetins, a narrativa de ficção desenvolve-se no país com a chegada do Romantismo. De gosto e valores totalmente burgueses, os folhetins eram histórias de ficção publicadas em capítulos nas seções diárias de jornais. A grande obra precursora no Brasil foi *O filho do pescador* (1843), de Teixeira e Souza. Todavia, oficialmente, coube a Joaquim Manuel de Macedo a tarefa de introduzir a primeira obra folhetinesca, *A Moreninha*, romance publicado em 1844.

Em termos gerais, pode-se falar que as três matrizes do romance romântico estão ligadas à literatura oral, ao teatro e ao romance estrangeiro. No país, havia uma forte carência da tradição novelística. As manifestações em prosa antecessoras ao século XIX apenas versavam sobre literatura de informação como cartas e crônicas, com a precípua finalidade utilitária de manter a coroa portuguesa informada dos acontecimentos da colônia. Não houve no Brasil o desenvolvimento das novelas de cavalaria, que tanto marcaram a efervescência da literatura europeia. Assim, os escritores brasileiros recorreram aos processos utilizados pela literatura oral, emprestando às histórias um caráter de contos orais relatados por um narrador fictício. Dessa técnica narrativa dois aspectos foram considerados para a construção do romance: o desenvolvimento da intriga, do enredo e a configuração do tempo dentro da história. Do teatro, o romance romântico herda elementos dramáticos, tão necessários para eliminar algumas deficiências na estrutura, tais como a caracterização do romance. Assim, surgem obras para serem lidas em voz alta por meio de um narrador intermediário, necessário à leitura das obras a um grupo de pessoas nas reuniões familiares.

O desenvolvimento da Imprensa alastrou a circulação do folhetim. A partir dos anos de 1836, aumentou significativamente o número de interessados na leitura de folhetim. Assim, observa-se que é de fundamental importância a influência dele para o

romance brasileiro. Como recursos empregados nessa modalidade literária, podem ser comentados: o desenvolvimento de intriga, a configuração do tempo dentro da narrativa, a técnica do corte no momento culminante de uma cena ou sequência de cenas para que o leitor voltasse ao romance na publicação seguinte.

### **O projeto literário Alencariano**

Alencar é conhecido como o escritor mais profícuo do Romantismo. Sua vasta obra compreende romances, peças de teatro e ensaios críticos. Nesse sentido, pode-se falar que o escritor alcançou o projeto preconizado pelos escritores da época, ou seja, um conjunto de obras diversificadas em temas e gêneros.

Sivana Oliveira postula a respeito de Alencar: “Alencar pode ser considerado uma síntese do romance romântico brasileiro. Sua obra abarcou desde o romance indianista passando pelo romance rural, pelo romance urbano, alcançando até o romance histórico” (OLIVEIRA, 2008, p.16). Alencar consegue retratar o mundo selvagem e a questão miscigenatória, conferindo à literatura brasileira a tarefa de ser formadora de uma consciência.

Alencar tem o nome associado aos melhores momentos da prosa ficcional do período. Para Coutinho (1986), Alencar é o grande patriarca da literatura brasileira, além de ser um grande símbolo de ruptura e emancipação preconizadas pelo ideário romântico. O autor ainda postula que coube a Alencar enquadrar “a literatura brasileira nos seus moldes definitivos” (COUTINHO, 1986, p.153).

O conjunto de obras do escritor revela que Alencar toma uma postura de partir do passado e alçar para uma crença no futuro. Ao se aproveitar de temas nativistas, o autor os recria e os rejuvenesce.

Considerado pela crítica como o maior ficcionista romântico do Brasil, José Martiniano de Alencar é natural de Mecejana, Ceará. Concluiu o curso de Direito e instalou-se no Rio de Janeiro, iniciando uma profícuca carreira de jornalista, advogado, político e folhetinista.

Quando estava iniciando sua carreira literária, Alencar envolveu-se em uma polêmica. No ano de 1856, o escritor Gonçalves de Magalhães publicou a epopeia *A Confederação dos Tamoios*. Alencar, empregando o pseudônimo de Ig, acaba criticando o poema em uma série de artigos intitulados *Cartas sobre A Confederação de Tamoios*.



No conjunto de textos prevalece a ideia de um forte descompasso da epopeia com a época moderna.

No ano de 1857, o escritor publicou em folhetim no Diário do Rio de Janeiro a obra *O Guarani*. O autor conquista fama e se dedica à carreira política, sendo eleito deputado pelo Ceará. Mesmo sendo do partido conservador, dirige uma série de críticas políticas ao Imperador no ano de 1868. Alencar torna-se ministro da Justiça, tendo abandonado o posto dois anos depois.

Com a publicação de *O Guarani*, em 1857, o autor é consagrado como um legítimo escritor de literatura nacional, que tem a tarefa de buscar um mito para a expressão de nossa identidade. Dessa forma, encara-se o projeto de Alencar como uma tarefa de separar a literatura brasileira da literatura europeia ao mesmo tempo que representou uma verdadeira gestação do país. Para isso, o escritor resgata os índios que habitavam o país à época do descobrimento.

Considerado pela crítica como o fundador da ficção nacional, Alencar escreveu uma vasta obra composta por 21 romances, que são considerados verdadeiras obras-primas da literatura brasileira. Com o objetivo de produzir uma literatura que não mantivesse laços com Portugal e que retratasse a realidade brasileira, o autor revela, no conjunto de sua obra, um panorama acerca do Brasil, conferindo enfoque desde o mundo selvagem e a miscigenação do branco/índio até a sociedade burguesa urbana e rural, compondo alguns símbolos dos mais importantes da cultura brasileira.

O conjunto de produção literária alencariana engloba todos os elementos tipificadores do Romantismo. Assim, Avila (1975) assevera que o painel oferecido por Alencar ambicionava versar sobre todas as realidades brasileiras, ao se ater aos diversos focos. Contudo, merece ser comentada que a visão empregada por Alencar para representar o ideário nacional não era feita de maneira objetiva, centrada e direta, mas sim sob um viés marcado pela subjetividade com o intuito de retratar a idealização e afetividade propostas pelo Romantismo.

As atitudes de Alencar, então, podem ser interpretadas como estratégias de fusão do romance encarado como uma verdadeira réplica brasileira do romance romântico europeu no sentido de compor (ou tentar compor) uma identidade nacional, ainda que idealizante e fruto da imaginação. Tal situação decorre, sobretudo, pela ausência no país da tradição cavaleiresca medieval. Como tentativa de singularizar o americano, Alencar molda o índio como legítimo herói nacional.

### Como pontua Ávila:

Alencar na verdade compôs como pôde o seu mosaico, com ele erguendo não tanto a imagem brasileira que almejava, mas antes a imagem de uma concepção romântica do mundo, ainda que Literatura na perspectiva de uma impressão brasileira. E não obstante propugnasse romper o vínculo entre nossa língua escrita e as matrizes normativas da legada língua escrita portuguesa, o intento alencariano pouco teve a ver com o enriquecimento da linguagem literária em si, que em seu painel restou irremediavelmente comprometida pela falência criativa e ingenuidade da imaginação (ÁVILA, 1975, p.33).

A vasta produção de Alencar segue a divisão feita na apresentação da obra *Sonhos D' Ouro*, 1872. No prefácio, intitulado *Bênção Paterna*, o autor tece reflexões acerca da literatura nacional, procurando classificar seus romances escritos até na presente data. “Alencar traçou um quadro retrospectivo de sua ficção, onde se mostrava consciente de ter abraçado todas as grandes etapas da vida brasileira” (BOSI, 2006, p.136). Na apresentação da obra, Alencar explica os critérios empregados na elaboração de um panorama da cultura e da história brasileira. Para tanto, divide o período de formação do Brasil em três fases. Depois, redige um romance indianista tratando de cada uma dessas fases. Assim, são gestados *Iracema*, *Ubirajara* e *O Guarani*.

### Nas palavras do autor:

Aos que tomam ao sério estas futilidades de patriotismo, e professam a nacionalidade como uma religião, a esses há de murmurar baixinho ao ouvido, que te não escutem praguentos, estas reflexões: “A literatura nacional que outra coisa é senão a alma da pátria, que transmigrou para este solo virgem com uma raça ilustre, aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe serviu de regaço; e cada dia se enriquece ao contacto de outros povos e ao influxo da civilização?” O período orgânico desta literatura conta já três fases. / A primitiva, que se pode chamar aborígene, são as lendas e mitos da terra selvagem e conquistada; são as tradições que embalaram a infância do povo, e ele escutava como o filho a quem a mãe acalenta no berço com as canções da pátria, que abandonou (ALENCAR, 1872, p.19).

### O autor continua:

*Iracema* pertence a essa literatura primitiva, cheia de santidade e enlevo, para aqueles que veneram na terra da pátria a mãe fecunda — *alma mater*, e não enxergam nela apenas o chão onde pisam. / O segundo período é histórico: representa o consórcio do povo invasor com a terra americana, que dele recebia a cultura, e lhe retribuía nos eflúvios de sua natureza virgem e nas reverberações de um solo esplêndido. / Ao conchego desta pujante criação, a têmpera se apura, toma alas a fantasia, a linguagem se impregna de módulos mais suaves; formam-se outros costumes, e uma existência nova, pautada por diverso clima, vai surgindo. / É a gestação lenta do povo americano, que devia sair da estirpe lusa, para continuar no novo mundo as gloriosas



tradições de seu progenitor. Esse período colonial terminou com a independência (ALENCAR, 1872, p.19-20).

Assim, esse romance do autor conta a história da índia tabajara Iracema, que deveria se manter virgem a fim de cumprir seu papel de sacerdotisa. A índia se apaixona por Martim, o colonizador português. Entrega-se a ele e passa a ser considerada uma traidora da tribo. Sua breve vida é fortemente marcada pela tristeza e pelo nascimento de Moacyr, seu filho, que determinará sua morte.

Alencar explica sua terceira fase:

A ele pertencem o *Guarani* e as *Minas de Prata*. Há aí muita e boa messe a colher para o nosso romance histórico; mas não exótico e raquítico como se propôs a ensiná-lo, a nós beócios, um escritor português.

A terceira fase, a infância de nossa literatura, começada com a independência política, ainda não terminou; espera escritores que lhe deem os últimos traços e formem o verdadeiro gosto nacional, fazendo calar as pretensões hoje tão acesas, de nos recolonizarem pela alma e pelo coração, já que não o podem pelo braço.

Neste período a poesia brasileira, embora balbuciante ainda, ressoa, não já somente nos rumores da brisa e nos ecos da floresta, senão também nas singelas cantigas do povo e nos íntimos serões da família [...] (ALENCAR, 1872, p.20-21).

O autor, que iniciou sua produção literária no ano de 1856, com o romance *Cinco Minutos*, quando contava 27 anos de idade, encerra sua produção literária em 1877, aos 48 anos, com o romance *Encarnação*. A proposta de divisão feita pelo próprio autor acabou suscitando tentativas de classificação pela crítica. Arthur Mota, por exemplo, entende que a produção alencariana deveria ser dividida em quatro grupos: romance histórico, romance da vida na cidade, romance da vida campesina, lenda indianista ou pastoral. Por outro lado, Heron de Alencar (1969) acreditou ser mais adequado a classificação em três grupos: histórico, urbano e regionalista. Tal classificação é mais sucinta e a mais aceita no meio acadêmico.

Fica evidente que Alencar encara a cultura do índio como aspecto específico da nacionalidade. Resulta dessa visão a representação heroica que o autor faz do índio. Contudo, é importante lembrar que em nenhum momento os personagens indígenas superam o colonizador português. Vê-se aqui ambos representados por atributos como honra e coragem. Assim, os descendentes, frutos da miscigenação, podem justificar seu orgulho pátrio.

O forte perfil de idealização a que Alencar submete seus personagens permite a incorporação dos traços positivos dos europeus, bem como a grandiosa natureza local com a qual seu aspecto físico se compara. Assim, ao conferir destacada beleza aos

personagens, o autor acaba promovendo uma forte idealização, cuja função se torna dupla: inserir o índio no plano geral do Romantismo e minimizar o ponto de vista que prevalecia desde o início da colonização, e o de que os índios formavam uma raça inferior.

### **Considerações finais**

Para Candido (1993), a independência conduziu a manifestações de novos sentimentos e acabou significando a representação de um orgulho patriótico que substituiu o nativismo do século XVIII. Emergiu uma verdadeira literatura que superou a ligação com o passado e com sua matriz portuguesa, num verdadeiro sentimento de “lusofobia”, tal como preconiza Valdemar Valente Júnior. Assim, o homem nativo passa a ser caracterizador da origem brasileira ao passo que o branco é o mero explorador.

O trabalho intelectual passou a ser encarado como prova da capacidade intelectual do brasileiro. Por isso, a literatura ganhou um viés patriótico com o intento de superar a herança colonial e criar uma identidade nacional. Nesse processo, os escritores, como pontua Candido (1993) sentiram-se no compromisso de participar da construção desse ideário nacional. Assim, o escritor tem tripla função: construir a vida intelectual do país, fundar uma literatura genuinamente nacional e criar os símbolos patrióticos do país. Já quanto aos escritos, a tarefa era dupla ao passo que serviu para aproximar o Brasil da Europa em termos literários bem como servir como meio de representação de um projeto nacionalista para o Brasil.

O ideal literário almejado era o mesmo do projeto político. Vale ressaltar que a independência ocorreu como um acordo unificador de interesses. Assim, a literatura se vê obrigada a forjar mecanismos de compensação. Por isso, as obras se revestem num forte tom nacionalista e ufanista marcado pela adoção de uma postura artificial e idealizante, já que as obras do período representaram a busca por um passado que é idealizado e saudoso, mas que muito bem pode ser resgatado como algo positivo. Assim, desenvolveu-se no país o Romance Indianista como uma forma de representar um projeto mítico para o ideário nacional. Nessa busca, elegeu-se o índio como representante desse passado, já que o Brasil não contou com a Idade Média. Assim, a

figura do índio é a forma de superação encontrada para libertar de vez o Brasil de suas referências europeias.

Assim, Alencar conseguiu traçar um perfil de nossa sociedade. Considerado o maior ficcionista romântico brasileiro, seu objetivo era formar uma literatura que fosse autenticamente brasileira. Para a crítica especializada, essa tarefa foi atingida, haja vista que seu conjunto de obras forma o verdadeiro panorama histórico brasileiro.

### Referências

ALENCAR, J. *O Guarani*. Osasco: Novo Século, 2002.

\_\_\_\_\_. *Sonhos D'Ouro*. Disponível em < WWW. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/sonhosdoro.pdf> >. Acesso em 26/02/14

ALENCAR, H. José de Alencar e a ficção romântica. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969. V 2. Romantismo. p. 217-300.

ÁVILA, A. *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRADLEY, H. *Fractured identities*. Cambridge: Polity Press, 1996.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. V.1 e V.2.

FIGUEIREDO, E. NORONHA, J.M. Identidade Nacional e Identidade Cultural. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A. Editora, 2001.

JUNIOR, B.A; CAMPEDELLI, S.Y. *Tempos de Literatura Brasileira*. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2004.

JUNIOR, V.V. *Cultura Luso-Brasileira*. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2008.

OLIVEIRA, S. *Realismo na literatura brasileira*. Curitiba: IESDE, 2008.

TAYLOR, Charles. *Multiculturalisme*. Différence et démocratie. Paris: Flammarion, 1994.

**Recebido em:** 25.10.2014

**Aceito para publicação em:** 28.11.2014